

ÍNDICE

Introdução.....	9
I - De Portugal e do Brasil	13
II - Da Galiza, da Ibéria e da Europa	37
III - Da Sociedade de Hoje e do Homem de Sempre	53
IV - Da Lusofonia no Século XXI.....	65

INTRODUÇÃO

Os três primeiros ensaios que aqui se apresentam e que, no seu conjunto, constituíram a primeira versão desta obra, entretanto esgotada¹, tiveram uma origem diversa, mas foram todos redigidos antes de 2006, correspondendo a uma crescente solicitação interna - a de aprofundarmos o nosso estudo sobre a obra de Agostinho da Silva -, bem como a diversas solicitações externas, no âmbito dos múltiplos eventos relativos às Comemorações do Centenário de Agostinho da Silva, nas quais estivemos, com muito gosto e honra, particularmente envolvidos.

Assim, o primeiro deles, “Visões de Agostinho da Silva: De Portugal e do Brasil” é uma síntese da parte de um “Curso de Introdução ao Pensamento de Agostinho da Silva”, que em conjunto com Paulo Borges, Ricardo Ventura e Rui Lopo, nos coube ministrar, por mais de uma dezena de vezes, em diversos locais do país, ao longo de todo o ano de 2006. Uma versão, ligeiramente alterada, foi enviada, por convite, para publicação num número especial da revista *Reflexão* (Faculdade de Filosofia - PUC/Campinas) sobre Agostinho da Silva.

¹ *Visões de Agostinho da Silva*, Sintra, Zéfiro, 2006.



I

DE PORTUGAL E DO BRASIL

Se fatalmente pensar é, ainda que da forma mais tácita, pensar com, em diálogo, importa escolher bem aqueles com quem, ao pensarmos, dialogamos. Quanto melhor escolhermos, mais o nosso pensar se elevará... A par de alguns outros, Agostinho da Silva tem sido um dos filósofos com quem mais temos dialogado. Desde logo por isso. Porque sentimos que, ao dialogarmos com ele, o nosso pensar se eleva e, nessa medida, se alargam os horizontes...

Não privilegiamos, porém, o diálogo com Agostinho da Silva apenas por ele ter sido um insigne Filósofo - entendendo por Filósofo aquele que, partindo de si, ou do que em si é, se eleva, e nos eleva, até, em última instância, ao Além-Horizonte do Ser -, mas também por ele ter sido um insigne Português - entendendo por Português aquele que, independentemente da sua proveniência geográfica, assume a tarefa de reflectir sobre o mais íntimo sentido da cultura portuguesa, e de o cumprir. Nessa perspectiva, atrevemo-nos a dizê-lo, nunca ninguém foi tão Português quanto Agostinho - pois que nunca ninguém, como ele, assumiu essa dupla tarefa.

A nosso ver, ao ter assumido essa dupla tarefa, não foi por isso Agostinho da Silva menos Filósofo. Pelo contrário, foi



II

DA GALIZA, DA IBÉRIA E DA EUROPA

A visão agostiniana da Galiza emerge no âmbito da sua reflexão sobre Portugal, sobre o seu sentido histórico. Desenvolveu Agostinho da Silva essa reflexão em diversas obras, desde logo, na sua *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa*, a obra sobre a qual mais aqui nos temos debruçado e que continuaremos a tomar como fonte axial.

Nessa obra, logo no primeiro capítulo, Portugal e Galiza aparecem a par, “como dois noivos que a vida separou”. Separação que Agostinho lamenta, por Portugal sobretudo, dado que, como nos diz, se ela não tivesse ocorrido, “talvez o ouro da Índia e Brasil tivesse dado maior proveito e se não tivesse, em plena época de afluxo de riquezas, de fazer aportar ao Tejo frotas de cereal e pão”⁴⁹. Separado da Galiza, Portugal perdeu pois, à luz desta visão, as suas raízes mais profundas, o seu Norte. Daí os seus subseqüentes desmandos - não só económicos, como sobretudo éticos...

Eis, dir-se-ia, o “pecado original” da formação de Portugal e das futuras Descobertas - como escreveu o próprio Agostinho da Silva, num texto de 1960:

⁴⁹ In *Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, Âncora, 2000 (doravante: *ECLPB*), vol. I, p. 31.



III

DA SOCIEDADE DE HOJE E DO HOMEM DE SEMPRE

Agostinho da Silva é, em geral, tido como um filósofo “bem intencionado”, “generoso”, mas, por isso mesmo, demasiado optimista, demasiado ingénuo... Essa tem sido, pelo menos, a opinião que temos ouvido de algumas pessoas em diversas circunstâncias.

Como temos verificado, essa “impressão geral” decorre, contudo, quase sempre em exclusivo da imagem que de Agostinho da Silva transpareceu, para alguns, das suas múltiplas intervenções televisivas - sobretudo da série “Conversas Vaidias”, com as quais, de facto, Agostinho, na passagem da década de oitenta para a de noventa, alcançou uma notoriedade absolutamente incomum entre os filósofos, sem paralelo na nossa história recente.

Tal facto gerou, aliás, como seria entre nós de esperar, bastante inveja. Daí, também, uma série de considerações menos abonatórias relativamente a Agostinho da Silva que já temos ouvido por parte de algumas pessoas. Não nos vamos, contudo, ocupar aqui dessas considerações. A respeito do ressentimento, Nietzsche já disse tudo o que havia para dizer.

Já essa “impressão geral” - do seu alegado “demasiado optimismo”, da sua alegada “demasiada ingenuidade” -,

